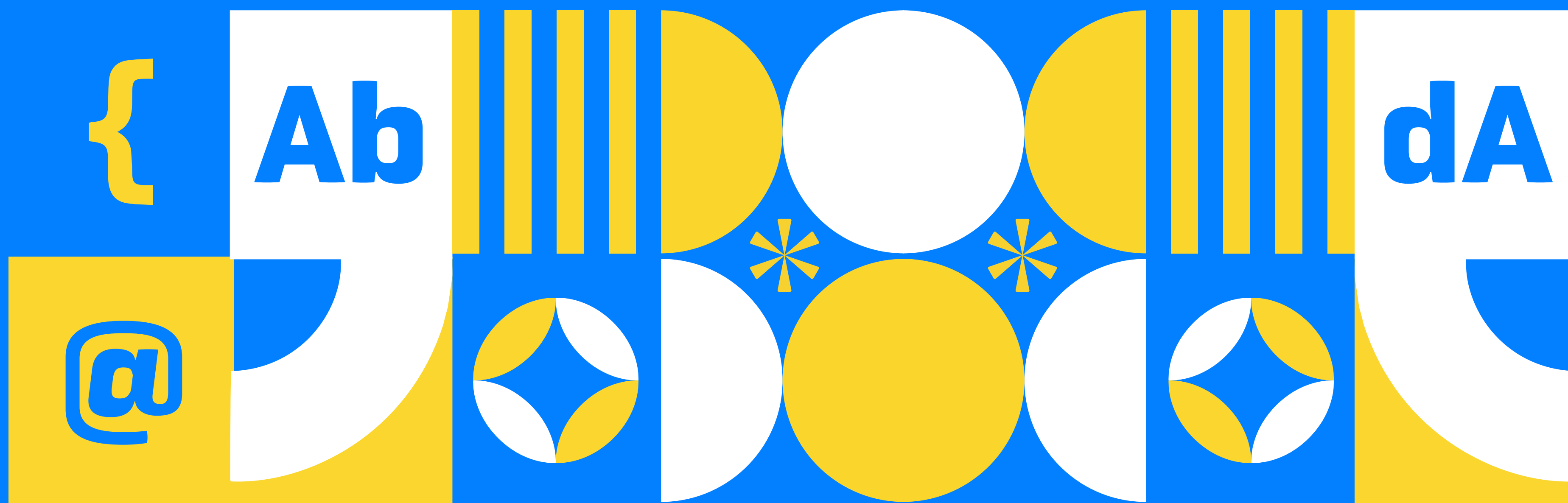




POSTURAS E PRÁTICAS PARA A DOCÊNCIA NA EJA

Especificidades para a construção
de um diálogo e de autonomia
dos estudantes na EJA.

Posturas e práticas para a docência na EJA

O texto “Posturas e práticas para a docência na EJA” foi escrito pensando no profissional que está iniciando ou que deseja se aprofundar nesta modalidade, tão específica e também cativante. De forma apaixonada, mas real, são oferecidas diferentes possibilidades pedagógicas para serem propostas nas salas desta modalidade, pensando na participação e no engajamento dos estudantes para a construção de um aprendizado coletivo e democrático.

Neste texto, o leitor encontrará:

- Especificidades para a construção de um diálogo e de autonomia dos estudantes na EJA.
- Práticas que vislumbram a diversidade e o aprendizado de forma democrática e dialógica.
 - Assembleia como o início.
 - Práticas processuais cotidianas – o livro didático como um importante aliado.
 - Análise iconográfica a partir de obras de arte – as obras de Carybé para pensar identidade e diversidade.
- Diante de todas estas práticas, o desafio da permanência escolar.



SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	04
1	A ASSEMBLEIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA	06
2	PRÁTICAS PROCESSUAIS COTIDIANAS	07
3	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ANÁLISE ICONOGRÁFICA	09
3.1	DIVERSIDADE E IDENTIDADE A PARTIR DE CARYBÉ	09
4	AS INFINITAS POSSIBILIDADES PARA UMA AÇÃO PEDAGÓGICA	11
5	O DESAFIO DA PERMANÊNCIA ESCOLAR	12
6	O PROFESSOR COMO O GRANDE GUIA NA AVENTURA DE APRENDER	14
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15

INTRODUÇÃO

Posturas e práticas para a docência na EJA

Quais posturas e práticas pedagógicas podem colaborar para uma relação dialógica e democrática na docência da EJA?

Prezado professor, mais uma vez seja bem-vindo à Educação de Jovens e Adultos! É muito importante contar com a atenção e o interesse de cada professor para este segmento tão necessário, desafiador e específico.

É comum ouvir de professores que já passaram por este segmento que gostavam, que têm boas lembranças dos estudantes, mas que, por diversos motivos, abandonaram o segmento. Seja pela frequente carga horária noturna, pelas distâncias das escolas, pelo acúmulo de jornada ou muitas vezes até pelo cancelamento da oferta da modalidade em determinada região. Infelizmente, as razões para desistência da EJA são muitas porque os desafios são constantes, em um país com cerca de 68 milhões de pessoas acima de 18 anos que não concluíram o ensino básico.

Por este motivo, é indispensável para quem trabalha com a EJA ter em mente o caráter de resistência em seu trabalho, saber da importância do seu trabalho, enxergar consequências positivas e sentir transformações que extrapolam o seu cotidiano.

E, para um bom e saudável exercício da docência na EJA, a atenção e o preparo em suas práticas são vitais. É por meio das práticas que conseguimos acessar os estudantes, construir vínculos de coletivo com a turma, desenvolver uma educação emancipatória e, de fato, ser resistência!

Para uma Educação de Jovens e Adultos democrática, reparadora e justa é imprescindível que o professor escute os estudantes e tenha nesta ação o início de todo o seu trabalho. Por meio de uma escuta respeitosa, o profissional conseguirá gradualmente acessar as experiências e histórias de vida dos seus estudantes. A partir deste acesso, surge a responsabilidade de valorizar todo o conhecimento e histórias que seus estudantes oferecem. Debates, exercícios de sondagem, de leitura e interpretação ou mesmo conversas sobre determinados temas são boas oportunidades de conhecer a forma que os estudantes entendem e agem perante o mundo. Estas ações pedagógicas podem ter diferentes intenções e devem ser organizadas no plano pedagógico, o qual é dividido conforme seus objetivos e será tratado ao longo do texto. De qualquer forma, o imprescindível é que o diálogo faça parte e receba um espaço importante em todas as fases do plano pedagógico.



É natural que nesta etapa, quando os estudantes estão reaprendendo a se posicionar, ter voz dentro da sala e resgatando sua autoestima, o professor tenha que gerenciar tempos, ordem de fala, sequências e foco de pauta. Mas todos estes elementos são treinos. Só sabe **dialogar** quem dialoga e pratica o diálogo.

Este cuidado e esta preocupação em organizar os espaços para a fala e a escuta são importantes, pois é só por meio deles que se possibilita de fato uma educação para a diversidade. O professor que compartilha essa postura dialógica e voltada para a autonomia dos seus estudantes encontra, tanto em eventos cotidianos como em bons livros didáticos, propostas que incentivam o diálogo e por meio dele constrói conhecimento.

Há muitos anos tem se normalizado um discurso na sociedade de que a educação é para todos, porém seu formato escolar não é. As práticas escolares são muitas vezes direcionadas para grupos homogêneos etários, culturais e sociais. Os estudantes que não estão nesse perfil acabam excluídos dos sentidos daquela prática. Na EJA não existe determinado padrão. Em cada sala há mulheres, homens, jovens, adultos e idosos, trabalhadores rurais, operários, prestadores de serviço, autônomos, diaristas, desempregados. Além das questões específicas: étnico-raciais, LGBTQIA+, PCDs e todas as outras possíveis em uma sociedade...

Por isso mesmo, buscar e construir práticas que simultaneamente vislumbrem a diversidade e possibilitem novas construções é o que se espera de um professor da EJA. E estas práticas podem ser diversas: pontuais, como as assembleias, ou cotidianas, usando material dentro do cenário escolar ou invocando materiais de fora. Todas elas são processuais, ou seja, vão sendo aperfeiçoadas conforme são praticadas.

Trataremos um pouco sobre cada uma.



A Assembleia é um evento importante e deve ser proposta no início dos semestres, quando se iniciam os trabalhos letivos. A Assembleia é a ocasião de reunir todo o corpo discente e docente, se possível também os funcionários e membros da gestão para discutir a escola, suas questões, seus problemas e, de forma consciente e democrática, estabelecer combinados que deverão ser seguidos por todos ao longo daquele período.

Por este motivo a Assembleia deve ser antes de tudo marcada – dia e horário –, divulgada e sua importância explicada, para poder contar com o maior número de participantes. Para marcar a data, é importante tomar o cuidado de que não seja em um dia próximo a feriado ou final de semana. Vale o conhecimento da dinâmica escolar daquela unidade para indicar uma data que consiga incluir o máximo de pessoas.

Geralmente, a Assembleia é proposta no pátio ou na biblioteca, em locais amplos, em que seja possível as pessoas ficarem sentadas em roda ou em outra disposição na qual as pessoas possam ver e ser vistas. A sequência de cada Assembleia pode variar. Pode-se propor um texto ou uma obra artística que inspire o início da conversa. É importante também prezar pela maior acolhida e transparência de informações. Propor uma pauta e antecipar o que será feito a cada etapa é uma forma de deixar todos os participantes mais seguros e à vontade com o evento.

É também aconselhável apresentar todos os membros que trabalham na escola (corpo docente, funcionários e gestão) como uma forma de acolher e informar. Além disso, deixar claro como aquela escola funciona, seus horários, outros segmentos, atividades e públicos que acolhem. É uma forma de integrar a EJA a toda a escola – algo que nem sempre é realizado devido à agitada rotina escolar.

Apresentadas todas as ações e personagens que ali trabalham, fica mais fácil identificar problemas, obstáculos ou mesmo vantagens daquela unidade escolar. Neste momento é interessante dar a voz aos estudantes para poderem falar das suas impressões, desafios, desagradados ou agradados em relação à escola. Este momento é a chave da Assembleia, tudo o que vem antes é em preparação a este momento, em que os estudantes devem se sentir à vontade e no direito de opinar sobre a escola.

Mas não é um momento de crítica, muito pelo contrário. Se pontos negativos forem apresentados, é também no coletivo que deve se buscar soluções, perguntar o que pode e deve ser feito para resolver aquela questão. O objetivo da Assembleia não é só levantar problemas, mas fazer com que os estudantes se sintam capacitados a criar soluções. Propor soluções que serão encaradas como combinados e por isso mesmo deverão ser votados para serem aceitos e, assim, seguidos por todos.

Os combinados propostos e aceitos na Assembleia deverão ficar claros, podem ser escritos, lidos e até distribuídos para todos. O cuidado com o resultado da Assembleia é o que fornecerá argumentos para se gerenciar posteriormente um episódio de conflito, crise ou indisciplina.

Nada impede também que outras Assembleias sejam convocadas ao longo do semestre, se for julgada sua necessidade. Vale também ressaltar que, assim como o diálogo, a Assembleia é uma prática. Quanto mais Assembleias forem feitas e mais os estudantes forem se acostumando com sua dinâmica, maior qualidade e profundidade os debates terão.



PRÁTICAS PROCESSUAIS COTIDIANAS

Não apenas na EJA, mas na educação como um todo, as ações são processuais. Não é pontualmente o debate ou a Assembleia, mas sim todo o processo que desenvolve no aluno (e nos demais personagens da escola) uma postura de diálogo, participação e, finalmente, de coletivo. Por isso, é muito importante sua constância e coerência com o cotidiano escolar. Todas devem contar com uma concepção participativa e igualitária.

Não faz sentido planejar Assembleias e debates se no interior das salas não há espaço para falas. Ou a gestão não se colocar como disponível para o aluno. É sempre necessário ressaltar que a oferta de espaço para fala não significa ausência de pauta ou foco nas temáticas.

Todos os posicionamentos aqui propostos consideram como pré-requisitos uma organização e disciplina do professor. Novamente, o planejamento pedagógico é o primeiro passo para o professor saber o que deverá ser feito. Apenas quem se planeja e sabe seus objetivos é capaz de se adaptar e não perder suas metas durante uma aula.

Neste sentido, uma ação comum no ensino regular é também indicada para a EJA: a rotina da aula. Listar para os estudantes tudo que será feito, o que e como será estudado é uma forma de oferecer previsibilidade a eles.

Explicar por que e qual o objetivo de cada atividade é uma forma de apresentar a escola como um espaço seguro e confiável, algo importante para pessoas que muitas vezes não podem ou não conseguem ter previsibilidade em suas vidas. Antecipar, explicar e apresentar as ações são orientações para além da pedagogia. Terapias comportamentais assim como a andragogia (conceito referente ao ensino de adultos) indicam estas ações como forma de engajamento do sujeito como protagonista do seu aprendizado.

Oferecer engajamento que proponha ao estudante assumir seu aprendizado para além da instituição é o que conecta os princípios andragógicos com os da Educação Libertadora de Paulo Freire. Para esta finalidade, tanto o cotidiano escolar quanto elementos de fora da escola podem servir como aliados, fornecendo material para as etapas de um processo pedagógico.

Os materiais didáticos construídos sob esta finalidade estruturam uma proposta curricular e apresentam ferramentas para as diferentes etapas de um plano pedagógico. Cabe ao professor elencá-las e criar um plano que melhor responda às demandas daquela comunidade de aprendizagem.

Um plano pedagógico deve ter a fase do diagnóstico, da programação e da execução. E, simultaneamente a todos eles, a avaliação formativa. Para auxiliar nesta, a clareza de que na programação os diferentes saberes podem ser contemplados: conceituais, procedimentais e atitudinais. E assim elaborar atividades que pensem cada um destes saberes.

A fim de auxiliar tanto as fases de programação quanto a de execução, as análises iconográficas são possibilidades de práticas que podem tanto ser encontradas nos materiais didáticos quanto propostas a partir de uma fala, vivência ou tema dos estudantes.

Como perspectivas para o plano de ação, sugerimos neste espaço possibilidades de ações pedagógicas com imagens e obras de arte.

Obras de arte na sala de aula são instrumentos estratégicos para estimular análises, interpretações e leituras do mundo. Repertoriar os estudantes como modo de aumentar suas formas de identificação e expressão é o principal objetivo deste tipo de atividade, que não deve se limitar apenas às aulas de Artes.

Diferentes manifestações artísticas podem tanto estimular opiniões quanto servir como exercícios de observação dos elementos de composição presentes em qualquer obra. Pensar a escolha de cores e texturas é uma forma de o aluno entender que todos os elementos de uma obra (independente da sua mídia) são escolhidos e carregam uma intenção.

Compreender a intencionalidade e o lugar de fala de um artista, de um escritor ou de um jornalista é uma importante habilidade que o aluno deve adquirir, desenvolvendo com ela seu olhar crítico. Por isso a análise de uma obra plástica que oferece elementos visuais e concretos pode ser um interessante exercício formativo que desenvolve saberes conceituais.

A análise de uma obra pode servir também como ponto de partida para qualquer assunto, desde um conteúdo específico em uma disciplina, como para um projeto interdisciplinar ou mesmo em uma oficina de leitura e escrita. Servindo nestes casos também aos saberes processuais e atitudinais.

São muitos os artistas que oferecem uma versatilidade e possibilidades de trabalho com suas obras. Mas, para efeito de recorte e praticidade, será dado aqui como sugestão os quadros de Carybé.

3.1

DIVERSIDADE E IDENTIDADE A PARTIR DE CARYBÉ

Argentino que morou na sua infância em diferentes lugares do mundo, mas escolheu Salvador como cidade para viver e retratar em suas pinturas, Carybé é um exemplo de olhar estrangeiro que enxergou e compreendeu o Brasil através da sua diversidade, cores e movimento e a partir delas criou uma linguagem para retratar algumas das formas de brasilidade.

Sugestão de obras para ilustrar:

Musicando



Meninos brincando



O papagaio fujão



(Retiradas de <https://www.elfikurten.com.br/2011/02/arte-de-carybe-sua-paixao-pela-bahia.html>, acesso 13/03/2024)

Propor a leitura de um quadro de Carybé é oferecer uma narrativa de um estrangeiro que viveu diferentes cotidianos brasileiros. Pensando nos estudantes da EJA, que muitas vezes migram e vivem distintas realidades, é uma chance de explorar o importante tema da identidade e da diversidade cultural em sala de aula.

Oferecer suas pinturas pode ser uma forma de iniciar um debate sobre reconhecimento, pertencimento e, também, estereótipos: O que cada um reconhece nos quadros? No que cada um se reconhece? E no que cada um se estranha? De qual região ou contextos trata especificamente cada cenário? É possível reconhecê-los por todo o território nacional? Por que nosso território é tão diverso? Como se deu sua construção? Foi pacífica? Além das imagens, existem outros elementos possíveis de reconhecimento ou estranhamento? A linguagem, as expressões são as mesmas por todo o território?

Quantas perguntas e quantas possibilidades de trabalho! Quadros que podem iniciar reflexões sobre o tema da identidade e convergir para conteúdos específicos de História, Geografia e Língua Portuguesa. Mas todos iniciam dando voz (e ferramentas) aos estudantes para verem, compreenderem, interpretar e relacionarem os quadros com suas vidas e realidades.

Os quadros são neste exemplo as ferramentas que justificam os estudantes falarem de si e de sua história. E, a partir delas, poderem ser relacionados e inseridos novos conteúdos e objetivos. Na execução e na avaliação, pode-se propor aos estudantes buscarem novas obras ou mesmo criarem as suas, como outras possibilidades para o plano pedagógico.

4

AS INFINITAS POSSIBILIDADES PARA UMA AÇÃO PEDAGÓGICA

Na EJA há temáticas que abrangem conteúdos e assuntos potentes que permitem o aluno a falar sobre si, sobre suas vivências e, simultaneamente, fazer refletir e ressignificar o que já viveu a partir de novas questões ou conceitos. A temática da identidade é uma delas. Mas muitas outras poderiam também ser citadas (trabalho, ocupação do território, memória e cultura, meio ambiente, saúde e sustentabilidade). Porém, dificilmente uma lista daria conta de abranger todos os temas estratégicos e potentes para desenvolver em sala de aula.

A chave é de fato saber ouvir os estudantes, levantar as principais situações e perfis destes (esta ação pode ser chamada de caracterização) e, com base nestas características, elencar temas e assuntos que serviriam nas vidas e nas atuações profissionais e cidadãs de cada integrante daquela comunidade de aprendizagem.

O uso do material didático neste sentido pode ser um importante suporte, pois, ao procurar o tema ou assunto neste, o professor encontra textos formativos, documentos e materiais iconográficos inseridos em currículos alinhados às orientações e documentações nacionais.

Para a EJA, como um segmento que não possui suas especificidades contempladas na BNCC, mas que deve atender às habilidades e competências esperadas para cada ano-ciclo, as propostas dos livros didáticos podem ser uma interessante ferramenta para o professor, ao possibilitar e flexibilizar as aprendizagens ali desenvolvidas.

Aqui, as obras de Carybé foram exemplificadas para servir ao tema da identidade, mas poderiam servir a outros temas. E, assim como os livros didáticos, são ferramentas que ficam à disposição para os professores escolherem quais são mais interessantes e adequadas ao seu público. Nesta lógica, quanto mais referências e opções o docente tiver, maior serão suas possibilidades de trabalho.

O intuito de ampliar o leque de ferramentas possíveis para serem usadas em sala de aula e nos planos pedagógicos é no fundo tornar a aula cada vez mais atraente e próxima da realidade dos alunos. Só assim será possível a permanência deste estudante em sala de aula.

5

O DESAFIO DA PERMANÊNCIA ESCOLAR

Ao longo do texto foram citados alguns dos desafios para o ensino na EJA. Porém, não se pode negligenciar a liberdade do aluno e seu poder de decisão.

São conhecidos os motivos que levam o aluno a desistir do ambiente escolar. Mas os que o levam a permanecer?

Para responder a esta pergunta, fazemos uso da literatura como um espelho e exemplo da realidade. Segue trecho de um importante e premiado livro brasileiro, *Torto Arado*, que reflete realidades de um Brasil rural, verdadeiro e presente até os dias atuais. Pois, mesmo pensando nas realidades urbanas, devemos considerar que muitos cidadãos e trabalhadores vêm de lugares como os descritos a seguir. Isso se tiverem tido a oportunidade de frequentar a escola.

Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento — bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas. Meu pai olhava para mim e dizia: “O vento não sopra, ele é a própria viração”, e tudo aquilo fazia sentido. “Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida”, ele tentava me ensinar. Atento ao movimento dos animais, dos insetos, das plantas, alumbrava meu horizonte quando me fazia sentir no corpo as lições que a natureza havia lhe dado. Meu pai não tinha letra, nem matemática, mas conhecia as fases da lua. Sabia que na lua cheia se planta quase tudo; que mandioca,

banana e frutas gostam de plantio na lua nova; que na lua minguante não se planta nada, só se faz capina e coivara. Sabia que para um pé crescer forte tinha que se fazer a limpeza todos os dias, para que não surgisse praga. Precisava apurar ao redor do caule de qualquer planta, fazendo montículos de terra. Precisava aguar da mesma forma, para que crescesse forte. Meu pai, quando encontrava um problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar. Como um médico à procura do coração.

Trechos ilustrativos Vieira Junior, Itamar. Torto Arado. São Paulo, Todavia, 1 ed., 2019. 11 reimpressão, pags 99 e 100.

O autor oferece uma poética visão da narradora, que mantém um amor e admiração profundos por seu ambiente, cotidiano e principalmente por seu pai e toda a sua sabedoria. É citado o conhecimento relacionado à terra, aos fenômenos da natureza, a marcação do tempo a partir da observação, a época ideal para cada plantio a partir das fases da lua ou os períodos de cheia. Afora o trato de pragas e irrigação. Ou seja, diversos conteúdos que podem ser abordados nas aulas de Ciências, História, Geografia, Matemática, com temáticas ligadas à astronomia e à sustentabilidade. Ou seja, a infinidade de alternativas e possibilidades a serem trabalhadas com os conhecimentos que a menina ama, tornando a escola um espaço para o desenvolvimento e o aprofundamento da realidade e das paixões de cada estudante.

A escola deve ser este lugar, uma oportunidade para que as paixões possam encontrar novas teorias e conhecimentos, e, diferente de substituir, irão se complementar e aprofundar.

Infelizmente, muitas vezes o estudante que chega à EJA já teve esse encantamento quebrado e se coloca como inferior, justamente pelo conhecimento da terra, da natureza e da cultura popular nem sempre serem privilegiados na sala de aula ou por metodologias mais tradicionais.

Este é outro importante ponto na EJA, o professor não sabe de tudo e não precisa aparentar este conhecimento. Mas precisa sim mostrar curiosidade e interesse pelos conhecimentos dos seus estudantes. Como no próprio texto descreve a ação do pai da narradora, “**deitar** sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior”, agir como “um médico à procura do coração”.

O coração na sala de aula são os estudantes e é isso que cada ação pedagógica deve buscar alcançar. Neste sentido, atividades que possibilitam levantamento de opiniões, ideias, investigação e debate são grandes oportunidades de tornar o conhecimento vivo, pulsante e atraente para alcançar os estudantes. Mas quem de fato alcançará o aluno é o professor.

Todas essas possibilidades de trabalho são também aventuras que o professor deve se permitir fazer, juntamente com seus estudantes. Porém, muitas vezes antes de se aventurar, o professor deve convencer seus estudantes para a aventura. Já foi tratada anteriormente a necessidade de oferecer segurança e confiança aos estudantes. Isso nem sempre é fácil, visto as bagagens de insegurança e imprevisibilidade que os estudantes já trazem em relação a suas vidas.

A escola muitas vezes se configura como um espaço consolidado, com uma determinada imagem e tipo de aula. Neste sentido, é comum (e também decepcionante) a elaboração de um amplo projeto de ação pedagógica para os estudantes, e estes responderem com resistência ou insatisfação.

São corriqueiras na EJA frases do tipo: “Quero ter é aula”; “Não vim aqui pra conversar”; “Quero matéria, escrever no caderno”.

Frases deste tipo são frequentes, principalmente entre os estudantes mais velhos, que carregam uma configuração de aula e estudo muito próxima ao que Paulo Freire chama de educação bancária, que privilegia os conteúdos. Neste padrão, o caderno cheio de textos e anotações é símbolo de aula.

Cabe também ao professor e ao processo pedagógico mostrar aos estudantes outras formas de adquirir conhecimento. Explicar e mostrar que debates, análises iconográficas e trocas de ideias exploram novos significados e são tanto ou mais efetivos quanto ler um livro ou ouvir o professor.

Convencer o aluno de que as metodologias dialógicas e de troca são efetivas e dão resultados é também uma tarefa na EJA. Pois o adulto carrega em si concepções que nem sempre são fáceis de serem quebradas e desconstruídas.

Mas precisam ser. E, para isso, novamente a estratégia é criar vínculos de confiança e segurança. Talvez até mais do que com crianças, os professores da EJA devem ficar atentos a esta disponibilidade de vínculos com seus estudantes adultos, porque estes já carregam muitos traumas e estereótipos de estudo que só serão quebrados a partir das práticas em sala de aula.

Por todos esses motivos, mais uma vez, o professor se torna o porto seguro destes estudantes. É comum nas turmas de alfabetização os estudantes não quererem avançar para os próximos estágios, pois não querem se separar do professor.

A responsabilidade do professor só aumenta quando analisado o contexto da EJA e, por isso, este profissional deve estar consciente e convencido de sua extrema importância. Pois já sabemos que é grande. Na verdade, o professor, como um guia, é um mestre, e por isso pode também ser comparado a um maestro de uma orquestra.

A intenção deste texto foi apontar instrumentos que o professor-maestro já tem ao seu alcance para elaborar uma bela sinfonia. Sugestões de posturas e práticas que possam não substituir, mas dar suporte à dura e agitada rotina escolar, possibilitando o olhar para o que mais importa: os estudantes. E com eles criar bonitas sinfonias.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, Rosana. **Revisitando Knowles e Freire: Andragogia versus pedagogia, ou O dialógico como essência da mediação sociopedagógica**, Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e173244, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/TdjFHK3NrJdKQ5SrZbBwjF/?format=pdf>. Acesso em: 24/03/2024.

BARROS, Rubens. Tá na hora de você ir para a EJA. **Revista Educação**, edição de março de 2024. Disponível em: https://issuu.com/revista.educacao/docs/revista_educa_ao_301_mar_o_2024. Acesso em: 15 de março de 2024.

BRASIL. RESOLUÇÃO No. 01/2021 DE 25 DE MAIO DE 2021, publicada no DOU em 26/05/2021 | Edição: 98 | Seção: 1 | Página: 171. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf. Acesso em: 27 de março de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE. Educação 2023. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102068_informativo.pdf. Acesso em: 31 de março de 2024.

SANTOS, Emily; TENENTE, Luiza. Quase 9 milhões de brasileiros de 18 a 29 anos não concluíram a escola, apontam dados divulgados pelo MEC. **G1**, 2024. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/02/22/censo-escolar-2023.ghtml>. Acesso em: 31 de maio de 2024.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019. 11 reimpressão.



Sobre a autora:

Débora Querido

Historiadora e mestre em História da Educação, ambos pela USP. Posteriormente se rendeu também à Pedagogia. Professora na EJA desde 2014 na Rede Municipal de São Bernardo do Campo. Já foi também Coordenadora Pedagógica. Mas é na sala de aula que se realiza.